

UMA PROFECIA SEM PROFETA: ENTENDENDO A DESCRIÇÃO DE MATEUS 2:23

A Prophecy without a Prophet: Understanding the description of Matthew 2:23

Adenilton T. de Aguiar¹
Jonatas de Mattos Leaf²
Willernani Becker³
Marinaldo R. da Costa⁴
Lucas M. Gondim⁵

RESUMO

Este artigo propõe-se a verificar a citação de Mateus 2:23 referente ao cumprimento de uma profecia messiânica à luz dos profetas veterotestamentários, isso, embasado na prerrogativa de que o autor desse Evangelho é o que mais cita passagens do Antigo Testamento e pelo fato de usar outras profecias messiânicas ao relatar o nascimento e parte da infância de Jesus. Para tanto, discorre-se um pouco sobre as características mais importantes quanto a autoria, ao destinatário, ao contexto histórico-social e cultural da escrita de Mateus seguida de uma análise histórica, gramatical e teológica referente ao surgimento e desenvolvimento da vila de Nazaré até aos dias de Jesus.

PALAVRAS-CHAVE: Nazaré. Pedra de Cesaréia Marítma. Renovo. Nazireu.

ABSTRACT

This article intends to verify the prophetic quote from Matthew 2:23 referring to the fulfillment of Messianic prophecy in the light of Old Testament prophets, based on the prerogative that the author of this Gospel is the one that quotes more passages in the Old Testament and the fact of using other messianic prophecies in reporting the birth and infancy of Jesus. To this end, talks a little about the most important features about the authorship, the consignee, the socio-historical context and cultural writing of Matthew followed by a historical, grammatical and theological analysis regarding the emergence and development of the town of Nazareth to the days of Jesus.

KEYWORDS: Nazareth. Marítma Caesarea Stone. Sprout. Nazarite.

1 Mestre em Ciências da Religião pela UNICAP - Universidade Católica do Pernambuco; Bacharel em Teologia pelo SALT/IAENE e Licenciado em Letras pela Universidade Estadual de Paraíba. Membro do Grupo de Pesquisa *Cristianismo e Interpretações* (UNICAP); Professor de Línguas Bíblicas e Novo Testamento no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, sede regional IAENE - Instituto Adventista de Ensino do Nordeste). E-mail: adeniltonaguiar@gmail.com

2 Mestre em Ciências da Religião pela UNICAP - Universidade Católica do Pernambuco; Bacharel em Teologia pelo SALT/IAENE. Professor de Interpretação do Antigo Testamento Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia.

3 Pós-graduado em Gestão Escolar pela Faculdade de Tecnologia e Ciência; Graduado em Pedagogia pela UFES/ES e em Matemática pela UNIUBE/MG; Acadêmico de Teologia – SALT/IAENE, Cachoeira/BA.

4 Acadêmico do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia – SALT/IAENE, Cachoeira/BA.

5 Acadêmico do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia – SALT/IAENE, Cachoeira/BA.

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe-se a estudar o texto de Mateus 2:23, considerando que entre os estudiosos há certa discordância quanto a uma explicação plausível para a compreensão do mesmo, tendo em vista que não encontramos no Antigo Testamento o referente da citação encontrada no texto em análise.

O evangelho de Mateus tem características próprias a ser exploradas, as quais se constituem na razão de muitas especulações no mundo acadêmico, e que podem lançar luz sobre a problemática levantada.

O EVANGELHO JUDAICO

O Evangelho de Mateus é claramente o mais “judaico” dos quatro. Ele se destinava a cristãos de fala grega que, na sua maioria, era de origem judaica. A ideia de que o autor pressupõe o fato de que os leitores estavam familiarizados com as profecias hebraicas fica clara a partir das mais de cem referências ao Antigo Testamento (HALE, 1983). O *background* judaico se patenteia desde o início a partir da genealogia completa de Cristo. Ademais, relatos tais como o da visita dos magos (2:1), a fuga de José e Maria para o Egito (2:13-14), a matança dos meninos abaixo de dois anos, ordenada por Herodes (2:1) e a volta de José e Maria para Nazaré (2:19-23) traçam uma correspondência marcante com eventos da vida de Moisés. A própria fraseologia para descrever o nascimento e a transfiguração de Cristo é, em alguns aspectos, emprestada daquela usada na história de Moisés (Mt 2:13, 20-21; 17:2, 5; cf. Êx 2:15; 4:19-20; 34:29; Dt 18:15). Enfim, Jesus é apresentado como o Novo Moisés, que veio para estabelecer seu reino messiânico.

Em geral, os textos do Antigo Testamento citados nesse evangelho são facilmente identificados. O texto de Mateus 1:23 pode ser encontrado em Isaías 7:14 “Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel”. Tal profecia é dada como cumprida em Mt 1:18. Segundo a opinião de alguns estudiosos, a expressão “estrela no oriente” (Mt 2:2) é uma referência a Números 24:17 (NICHOL, 2002). Mateus 2:6 é uma transcrição de Miqueias 5:2. Mateus 2:15 encontra seu precedente em Jeremias 31:15. Porém, Mateus 2:23 não possui um correlativo claro no Antigo Testamento. Ali, lemos: “E chegou, e habitou numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno”. Diversos fatores devem ser levados em consideração a fim de encontrar um possível referente para Mateus 2:23.

A CIDADE DE NAZARÉ

A cidade de Nazaré, chamada “jardim da Galileia”, situa-se na encosta de uma colina, como uma espécie de “guardiã” da região, e é cercada por outras colinas, estando no coração de um país verdejante. Embora Nazaré tenha sido claramente ocupada muito antes, na idade do bronze médio (2000 a 1500 a.C) e a idade do ferro (1200 a 586 a.C) (SILVA, 2008), intérpretes concluíram recentemente que uma aldeia mais importante foi refundada no século II a.C. (HORSLEY; CALLONI, 2000).

O nome de Nazaré aparece pela primeira vez numa placa que data do século III ou IV a.C, encontrada entre alguns fragmentos perto de Cesareia Marítima. Sua população vivia da cultura (vinha, oliveiras, cevada, trigo, legumes) e do artesanato. No tempo de Jesus, de acordo com as descobertas arqueológicas, as casas das cidades palestinas, e particularmente as de Nazaré, eram construídas no prolongamento de grutas naturais (HORSLEY, 2000). Apesar dessas informações, Nazaré não é mencionada no Antigo Testamento, ou em Josefo ou no Talmud, embora não se possa dizer que ela tenha sido tão insignificante como geralmente se acredita. Sustenta-se que esta cidade teve uma sinagoga, e que foi o lar de sacerdotes obrigados a espalhar-se pela Galileia após a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. (KNIGHT, 1999).

O fato é que o nome da aldeia de Nazaré é encontrado somente no Novo Testamento. O termo grego é *Ναζαρέθ*, e aparece onze vezes. Seu significado é incerto, podendo variar entre “Aquele que é separado”, “a guardiã” (NELSON; MAYO, 1998) e/ou “verdejante” (DAVIS, 2005). Sua localização geográfica possivelmente teria influenciado no estabelecimento desse nome, tendo em vista que situa-se na encosta, como uma espécie de “guardiã” da região (BROMILEY, 1979) e por constituir-se numa área bem regada e constantemente verdejante (DAVIS, 2005).

Outros significados para o termo podem ser apreendidos a partir da etimologia da palavra. Sua raiz (נִצַּר), significa “ramo”. Sua relação, porém, com uma raiz árabe pode transparecer algo como “ser novo”, “ser radiante” ou “esverdear” (HARRIS, 1999). Vangemeren (1997) salientou que o termo está intimamente correlacionado com Nazaré, e significa um crescimento maduro, o que prefigura o aparecimento do Messias no Novo Testamento, estabelecendo um novo reino forte e consistente. O Hodayot de Qumran usa o termo נִצַּר com um fundo botânico – broto ou folhagem de plantio. Há ainda a associação com uma árvore com seus galhos e raízes numa representatividade dos membros de uma família⁶, de cujo imaginário se depreende uma figura messiânica (BOTTERWECK, 1997).

6 A ideia apresentada pela expressão de Is 11:1 “Do tronco de Jessé sairá” implica no surgimento de um descendente futuro que restaurará o reino. A esse descendente foi confiada a aliança da realeza pertencente à casa de Davi, neto de Jessé.

A partir de uma associação com o Antigo Testamento, existem basicamente duas maneiras de interpretar o título de nazareno. A primeira diz respeito ao título de nazireu (Nm 6:3-7) e a segunda está associada ao verbo guardar (natsar) ou ao termo “renovo” (Is 11:1), que pode ser definido como um substantivo derivado do verbo “guardar” por apresentar a mesma raiz consonantal.

Considerando que “nazareno” é uma tradução imprecisa do termo “nazireu”, e que a cidade de Nazaré não é mencionada no Antigo Testamento, alguns afirmaram que a aldeia recebeu esse nome somente por que Jesus residiu nessa localidade. Essa proposta é apoiada por alguns dos pais da igreja como Tertuliano, Jerônimo, Erasmo e Calvino (CHAMPLIN; MARQUES, 2001). Douglas (2006) menciona que o termo Nazaré só é mencionado a partir de Eusébio e Jerônimo, e que o nome não consta entre as cidades da Galileia mencionadas por Josefo, nem no Talmude e nem nos evangelhos apócrifos. Sakenfeld (2009) chega a mencionar que não existe qualquer menção à cidade na literatura judaica antiga.

Um dado importante que pode lançar luz sobre esta discussão tem a ver com a descoberta de uma placa de pedra grafada em hebraico, datando do século III ou IV a.C. Esta placa foi encontrada pela equipe de arqueólogos israelitas dirigida pelo professor Avi Jonah, nas ruínas de Cesareia Marítima. De acordo com a inscrição, essa pequena aldeia recebeu os descendentes da família de Hapizés (ORLINSKY, 1981).

משמרת ראשונה יהויריב מסרביי מדון
 משמרת שניה ידעיה עמוק צפורים
 משמרת שלישית חרים מפשטה
 משמרת רביעית שערים עיתהלו
 משמרת חמישית בליכה בית לחם
 משמרת ששית ביצין יודפת
 משמרת שביעית הקוז עלבו
 משמרת שמינית אביה כרפי עוזיה
 משמרת תשיעית שוע ארבל
 משמרת עשירית שכניחא חבדת כבול
 משמרת אחת עשרה אלישיב כחון קנז
 משמרת שתים עשרה יקים פשחור צפת
 משמרת שלוש עשרה חופה בית מעון
 משמרת ארבע עשרה שבאב חזפת שיחון
 משמרת חמש עשרה בעדיה בלגה יזנית
 משמרת שש עשרה אמר פנברה
 משמרת שבע עשרה חזיר גמלי
 משמרת שמונה עשרה הפיצין נצרת
 משמרת תשע עשרה פתח חזיר גמלי עגב
 משמרת עשרים חזקאל בן בוזיא
 משמרת עשרים ואחת כין כפר יוזנה
 משמרת עשרים ושתיים גמל בית חכיה
 משמרת עשרים ושלוש דליה גתון צלמן
 משמרת עשרים וארבע מעיזה חמת ארז

Fig. 1. Reconstituição da Inscrição⁷

A inscrição da linhagem 18 em hebraico contida na placa é a seguinte:

משמרת שמונה עשרה הפצין נצרת

Tradução Literal: Ordenança dezoito Hapizés Notsret

Uma fotografia da parte da pedra em que está escrito Natsaret deixa claro que o nome desta pequena aldeia da Galileia era grafado em hebraico com a letra ט (tsadê) e não com a letra ז (zain), melhor correspondente para a letra grega ζ. Isto pode indicar a existência de um antigo vilarejo que possuía na escrita original de seu nome a mesma raiz etimológica da palavra que aparece em Isaías 11:1 como “Renovo” (HARRIS, 1999).

7 Foram achadas três partes da pedra que levam a reconstituição apresentada (ORLINSKY, 1981).



Fig. 2. Foto de uma parte da Pedra de Cesareia Marítima⁸

Monloubou e Du Buit (2003) sugerem que Ναζαρέθ seja interpretada à luz da raiz נִצַּר (guardar) ou de seu derivado נִצְרָה (renovo). Essa terminologia também é apoiada por Eusébio, em *Onomasticon*, em que, baseado na inscrição do artefato arqueológico encontrado, afirma que a palavra Notsret, grafada na placa, possivelmente seja a aldeia de Nazaré dos tempos de Jesus (citado por DOUGLAS, 2006).

A palavra netser (renovo) de Isaías 11:1 aparece somente quatro vezes em todo o Antigo Testamento, mas não admite a associação com a Nazaré do Novo Testamento em todos os textos. Wertheimer (1960) destaca essas quatro ocorrências: Isaías 11:1 – “e um rebento brotará das suas raízes”; Isaías 14:19 – “como um renovo abominável”; Isaías 60:21 – “o ramo da minha plantação”; Daniel 11:07 – “de um ramo de suas raízes”. Segundo Vangemeren (1997), dessas quatro ocorrências, somente duas podem ser associadas entre si: Isaías 11:1 com Isaías 60:21. A primeira refere-se ao Messias que viria da descendência davídica e a segunda refere-se ao remanescente fiel que surgirá no tempo do fim. Esse remanescente terá o direito de ser chamado pelo mesmo nome daquele que é a síntese do grupo – o Messias ou o Netser (HARRIS, 1999).

As outras duas passagens (Is 14:19 e Dn 11:7) não exibem nenhuma ligação com as passagens anteriores. Em Isaías 14:19, a Babilônia é chamada de renovo bastardo, e em Daniel 11:7, a palavra netser refere-se a um poder real dos Ptolomeus e não ao rei messiânico que vem da linhagem de Davi (HARRIS, 1999).

⁸ Essa é a parte do achado arqueológico que contém a descrição da palavra Nazaret (ORLINSKY, 1981).

A CORRESPONDÊNCIA ENTRE MATEUS 2:23 E ISAÍAS 11: 1

A associação entre Mateus 2:23 e Isaías 11:1 é aceitável, visto que um dos propósitos de Isaías era declarar o descontentamento de Deus e o seu julgamento contra o pecado do seu povo, a fim de encorajá-lo a seguir em direção ao arrependimento e a uma vida correta. Embora os reinos do norte e do sul já estivessem divididos, as advertências de Deus são dirigidas às duas nações de maneira unificada, apontando para a unidade futura na vinda do Messias, tendo em vista que a mensagem de salvação se destinaria a todos. Considerando que as advertências não foram atendidas, os reinos foram tirados e levados em cativeiro para a Assíria (Reino do Norte) e para a Babilônia (Reino do Sul). Embora o oráculo divino fosse um chamado direto que apontava ao julgamento iminente,⁹ ela também continha um fundamento de esperança e uma promessa para o remanescente fiel do povo de Deus (Is 11:1 e 60: 23). Ele profetizou sobre o Messias, dizendo que Ele viria da descendência do rei Davi e estabeleceria a paz, a justiça e o conhecimento de Deus na Terra.¹⁰

Outra fundamentação para essa proposição está no período da escrita do livro. Como se sabe, o próprio Isaías se nomeia autor deste livro (Is 1:1), tendo sua atuação profética nos reinados de Uzias, Jotão, Acáz e Ezequias, reis de Judá. (CHAMPLIN, 2000). As informações a respeito da origem de Nazaré apontam para a Idade do Bronze Médio ou à Idade do Ferro (2000 – 586 a.C.), o que torna possível que Isaías tivesse conhecimento da existência dessa cidade.

No entanto, isso não significa necessariamente que Isaías era totalmente consciente de que o messias viveria em Nazaré. É comum que nas profecias messiânicas do Antigo Testamento os profetas não estivessem completamente conscientes de seus detalhes e desenvolvimento. Por vezes a Providência permitiu que o tempo fosse o motor da inspiração para que as profecias messiânicas do AT fossem compreendidas. Isso ocorre, por exemplo, nos Salmos messiânicos que refletem a experiência de exaltação (Sl 1,110) e sofrimento (Sl 22) do próprio salmista que no ministério do Messias revelam-se típicas e, portanto, preditivas da experiência messiânica.

De fato, quando analisada à luz de seu próprio contexto a passagem de Is 11:1 não parece apontar originalmente o local de onde o messias viveria. Do ponto de vista canônico, a profecia está inserida num contexto de juízo e restauração. O capítulo 11 é precedido pelo anúncio do juízo sobre Israel (9:8-

⁹ Há aqui um prenúncio do cativeiro pela mão dos assírios em 722 a.C. e dos caldeus em 586 a.C. (A árvore, símbolo de realeza, foi cortada, restando apenas o seu tronco – Isaías 11:1).

¹⁰ A **restauração** do reino davídico viria pelo surgimento de um renovo proveniente do tronco de Jessé – Isaías 11:1. A dinastia asmoniana não cumpre essa profecia, considerando que os asmoneus eram descendentes de Levi.

10:4) e a Assíria (10:5-34). No capítulo 10 a Assíria é metaforicamente uma floresta cujas árvores altivas serão totalmente derrubadas (10:33-34). Embora Judá não esteja em perspectiva, uma mensagem de juízo está implícita na ideia de um renovo, de um rebento. A imagem também é de uma árvore ou tronco morto ou derrubado o qual Deus ainda preserva a vida, e a possibilidade de voltar a produzir fruto. Judá é uma árvore altiva que também será derrubada, contudo diferentemente da Assíria ser-lhe-á preservado um renovo, um rebento, uma esperança.

Do ponto de vista histórico, é difícil determinar a data que o oráculo foi proclamado. Contudo, é provável que haja uma alusão ao cativo Babilônico; momento no qual a monarquia davídica seria “derrubada”. Se esse for o caso, “esta árvore tem sido cortada; mas as raízes permanecem no solo e uma mera cepa acima do solo, i.e. o trono de Davi sobrevive” (GRAY, 1912, p. 214). Ela sobrevive através no rebento (רִנָּה), que “vem provavelmente da raiz que no árabe quer dizer ‘ser novo e belo’ e da folhagem de uma árvore, tornar-se verde; era provavelmente aplicado ao crescimento vigoroso de uma árvore” (GRAY, 1912, p. 216).

A imagem da monarquia relacionada a uma árvore está não só presente na literatura do Antigo Oriente Próximo (WATTS, 2005, p. 209), mas também na própria literatura bíblica. A imagem evocada em Is 11:1 é muito parecida com aquela que emerge de Daniel 4 onde num sonho Nabucodonosor é representado por uma grande árvore de onde todos os habitantes da terra retiravam seu alimento. Porém, um “santo” ordena: *Derribai a árvore, cortai-lhe os ramos, derriçai-lhe as folhas, espalhai o seu fruto; afugentem-se os animais de debaixo dela e as aves, dos seus ramos. Mas a cepa, com as raízes, deixai na terra, atada com cadeias de ferro e de bronze, na erva do campo. Seja ela molhada do orvalho do céu, e a sua porção seja, com os animais, a erva da terra* (Dn 4:14,15). Depois de sete anos, Nabucodonosor seria restituído a sua honra como rei. O mesmo quadro reaparece aqui: em meio ao juízo há uma esperança de continuidade. Um rebento nascerá de Jessé.

Assim, a mensagem de Is 11:1 em seu contexto original parece ficar muito clara: apesar da aparente derrota, Deus preservaria através do “renovo” (algo humilde, porém promissor) as aspirações para a futura linhagem davídica (BARTON, 2001).

Do ponto de vista histórico, é difícil determinar a data ou o evento que o profeta tem em mente, mas é provável que implique o fim da monarquia em 586 a.C (BARTON, 2001). Isaías pretende transmitir uma mensagem de esperança em meio ao juízo. Através do pequeno remanescente, ocorreria uma redenção de âmbito mundial, quando viesse o Messias em seu primeiro advento. (CHAMPLIN, 2000). É verdade que mesmo entre os exegetas judaicos não há total acordo sobre a interpretação. No entanto, é possível delinear um esboço mais concreto sobre o assunto. Young afirma:

É verdade que alguns expositores judeus acham aqui uma referência a Ezequias e outros a Zorobabel, mas o Targum aplica a passage ao Messias. Ezequias, naturalmente já era nascido, de modo que a passagem não se refere a ele. E as descrições não se aplicam nem a Zorobabel nem Ezequias. Esta passagem é dependente da profecia fonte em Isaías 7, e portanto deve ser interpretada à luz daquela revelação (YOUNG, 1965, p. 380).

Embora a profecia de Is 11:1 esteja clara em seu contexto original, ainda resta entender o uso que Mateus faz do texto em 2:23. Em Mt 2:23 lê-se: *foi habitar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito por intermédio dos profetas: Ele será chamado Nazareno*. Essa passagem é a última de uma série de cinco “citações-cumprimentos” presente em Mt 1-2. É evidente que ela reserva uma peculiaridade especial já que é a única que apresenta uma profecia que aparentemente não está no Antigo Testamento. Ademais, segundo Nolland, a fórmula usada por Mateus aqui possui três aspectos distintivos quando comparadas com as demais nessa seção (Mt 1-2): (1) o plural profetas, (2) o uso do *ὅτι* e a (3) falta da expressão introdutória “λέγοντος” (lit. “dizendo”) (2005 p. 128). Nolland conclui que “as três mudanças juntas sugerem que Mateus está deliberadamente sendo impreciso e deste modo, favorece considerar o *ὅτι* como introduzindo a essência das Escrituras que ele tem em mente sem qualquer fraseado em particular (portanto: citação indireta)” (2005, p.128). Blomberg confirma essa hipótese ao afirmar que “em outras palavras [Mateus] pode estar indicando que não está citando um texto específico, mas resumindo um tema escriturístico mais amplo” (1992, p. 70). A ideia de um “renovo” justo não está presente apenas em Isaías (Jr 23:5, 6; 33:15–17; Zc 3:8; 6:12, 13).

Dois temas principais podem estar sendo evocados por Mateus ao fazer seu “jogo” de palavras. A origem davídica do Messias e sua procedência humilde e despreziosa. Tais temas estão presentes no próprio texto de Is 11:1 bem como no uso que Mateus faz do mesmo em 2:23. No caso de Isaías, um humilde rebento ou renovo é contrastado com a altiva árvore representada pela Assíria no capítulo anterior. Embora o crescimento esteja implícito no vigor e saúde do rebento, seu começo é discreto e humilde. Além disso, o fato da profecia usar o nome de Jessé em vez de Davi para aludir à linhagem monárquica é bem interessante. Segundo Fruchtenbaum, Davi é normalmente associado com a monarquia, realeza e riqueza. Não deveria ser esquecido, contudo, que na sua juventude, vivendo na casa de Jessé, Davi era um pobre garoto, pastor de ovelha (1998, p. 40). Como Davi a origem do Messias estaria ligada a pobreza e invisibilidade entre seus irmãos.

No que diz respeito a Mateus o tema da humilhação está claramente presente e, ao que parece, é seu principal ponto de contato com Is 11:1. A tradução da palavra hebraica נָצַר como ramo favorece essa postulação, tendo

em vista que a fragilidade do ramo, em seu estágio inicial e em comparação com outros elementos da natureza, pode servir como metáfora para a rejeição que Jesus sofreu pelo fato de ser oriundo de Nazaré: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” Essa pergunta feita por Natanael a Felipe, em João 1:46, mostra a hostilidade com que os nazarenos eram tratados naquela época. Nolland acrescenta que Nazaré era um vilarejo totalmente insignificante nos tempos bíblicos e nunca é mencionado no AT. Projeções da evidência arqueológica sugerem uma população máxima de não mais do que 500 habitantes (2005, p. 128).

Desta forma, no relato histórico do cumprimento, até mesmo o som das palavras da profecia é notado: o נָצֵר, a princípio tão humilde e insignificante era um pobre desprezado Nazareno (KEIL; DELITZCH, 2002, p. 182). Fica evidente então que Mateus pretende usar aqui um típico jogo de palavras ou trocadilho (*wordplay*) hebraico para fortalecer a origem profética do Messias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo salientou que a profecia de Mateus 2:23, quanto ao título Nazareno, não possui um referente evidente na Bíblia Hebraica. Verificou-se que existem duas linhas de interpretação plausíveis: uma associando o título nazareno ao termo nazireu de Números 6:3-7 e outra associando o mesmo termo com o renovo de Isaías 11:1.

A primeira encontra seu embasamento no apoio de alguns pais da igreja como Tertuliano, Jerônimo, Erasmo e Calvino, e apresenta certo grau de correspondência fonética. A segunda admite que existe uma relação entre os termos Ναζαρέθ (Mt 2:23) e נָצֵר (Isaías 11:1), tanto do ponto de vista fonético quanto do significado. Ademais, o achado arqueológico nas ruínas de Cesareia Maritima coloca essa hipótese em condições de vantagem em relação à outra.

Portanto, ao que tudo indica a profecia do Messias nazareno de Mateus 2:23 encontra um pano de fundo em sua associação com a profecia de Isaías 11:1, sobre o renovo que brotou do tronco de Jessé, Jesus Cristo, e que, embora seja possível que Isaías não estivesse totalmente consciente das implicações do uso da palavra נָצֵר, a providência preservou essa interessante “coincidência” a fim de que a origem profética dos primeiros anos do messias em Nazaré pudesse ser atestada por Mateus para seus contemporâneos.

Isso não só mostra a natureza profética das sagradas escrituras, mas também aponta para sua natureza dinâmica. À medida que os próprios autores bíblicos produziam seu material inspirados por Deus, também interpretavam as Escrituras à luz das necessidades contemporâneas de seus ouvintes de modo que a Bíblia foi se tornando relevante mesmo durante seu processo de produção. Tal pensamento possui fortes implicações hermenêuticas.

REFERÊNCIAS

- BARTON, J.; MUDDIMAN, J. **Oxford Bible commentary**. New York: Oxford University Press, 2001.
- BLOMBERG, C. **Matthew: The New American Commentary**. v. 22. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1992.
- BOTTERWECK, G. Johannes (Editor.); RINGGREN, Helmer; WILLIS, John T. **Theological dictionary of the old testament**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1997.
- BROMILEY, Geoffrey W. **The International standard Bible encyclopedia**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, c1979-. 3 v.
- CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopedia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2001, vol. 6.
- CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo**. São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 2000, vol. 7.
- DAVIS, Jhon. **Novo dicionário da Bíblia**. São Paulo: Hagnos, 2005.
- DOUGLAS, J. D (Ed). **O novo dicionário da Bíblia**. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- FRUCHTENBAUM, A. G. **Messianic Christology: A study of Old Testament prophecy concerning the first coming of the Messiah**. Tustin: Ariel Ministries, 1998.
- GRAY, G. B. **A critical and exegetical commentary on the book of Isaiah, I-XXXIX**. New York: C. Scribner's Sons, 1912.
- HALE, Broadus David. **Introdução ao estudo do Novo Testamento**. Tradução de Cláudio Vital de Souza. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1983.
- HARRIS, R. Laird et al. **Dicionario internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- HORSLEY, Richard A; CALLONI, Euclides Luis. **Arqueologia, historia e sociedade na Galileia: o contexto social de Jesus e dos Rabis**. São Paulo: Paulus, 2000. p. 101.
- KEIL, C. F., & DELITZSCH, F. **Commentary on the Old Testament**.v.7. Peabody: Hendrickson, 2002.

KNIGHT, Kevin. **A Enciclopédia Católica**, Volume I. 1999. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/10725a.htm>> Acesso em: 16 Maio 2012.

MONLOUBOU, L.; DU BUTT, F. M. **Dicionário bíblico universal**. Tradução de Gentil Titton et al. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

NELSON, Wilton M.; MAYO, Juan Rojas. **Nuevo Diccionario Ilustrado de la Biblia**. Editorial Caribe, 1998.

NICHOL, Francis D. **The Seventh-day Adventist Bible Commentary**. Washington: Review and Herald, 2002, V. 05.

NOLLAND John. **The Gospel of Matthew: a commentary on the greek text- New International Greek Testament Commentary**. Grand Rapids, MI: W.B. Eerdmans, 2005.

ORLINSKY, Harry M. **Israel Exploration Journal Reader**. V2, 1981.

SAKENFELD, Katharine Doob (Ed.). **The new interpreter's dictionary of the Bible**. Nashville: Abingdon Press, 2009.

SILVA, Rodrigo P. **Escavando a verdade: A arqueologia e as incríveis histórias da Bíblia**. 2.ed. Tatuí, São Paulo: CPB, 2008.

STAGG, Frank. **Introdução e Comentário sobre o texto de Mateus**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1986.

STRONG, James; KOHLENBERGER, John R.; SWANSON, James A. **The strongest Strong's exhaustive concordance of the Bible**. Grand Rapids: Zondervan, 2001.

VANGEMEREN, Willem A et al. **New international dictionary of Old Testament theology e exegesis**. Grand Rapids: Zondervan, 1997, vol. 3.

WATTS, J. D. W. **Word Biblical Commentary: Isaiah 1-33**. Nashville: Thomas Nelson, Inc., 2005.

WERTHEIMER, John. **The englishman's hebrew and chaldee concordance of the Old Testament**. 2. Ed. London: Walton and Maberly, 1960, vol. 2.

YOUNG, E. (1965). **The Book of Isaiah: chapters 1-18**. v. 1. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995.